

desaparec'dos

Política Nacional de Busca de Pessoas Desaparecidas

HISTÓRIAS SÃO MAIS QUE NÚMEROS!

MINISTÉRIO DA
JUSTIÇA E
SEGURANÇA PÚBLICA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

Introdução

Em 2024, na Campanha Nacional de Coleta de DNA de Familiares de Pessoas Desaparecidas foram realizadas coletas referentes a 1.292 casos. Foi uma semana de esforços conjuntos coordenados nacionalmente entre o Ministério da Justiça e Segurança Pública e as instituições estaduais. Ao final, até janeiro de 2025, tivemos 35 identificações positivas.

São muitas as formas de demonstrar o sucesso da iniciativa, mas, no fim, perdemos o sentido se não pudermos olhar para o que significa este resultado. Neste caso, 35 não é um número. 35 são pessoas, são casos e são famílias.

Queremos e precisamos fazer mais do que quantificar...

Neste caderno, queremos garantir o espaço para as histórias. Desejamos nos aproximar das famílias e acolher suas dores. Que os breves relatos dos familiares, sobre os sonhos, os sorrisos, as angústias e as desesperanças não nos permitam esquecer que identificar essas pessoas é tirá-las da condição de números e devolver a elas a sua humanidade...sua história!

Agradecemos a parceria com as assessorias de comunicação dos estados do Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás e Piauí nesta iniciativa, e, acima de tudo, às famílias que tiveram sua resposta, pela disponibilidade de ocuparem este espaço.





O DNA que trouxe respostas: a dor e o alívio de um pai após quase dois anos depois

A partir de uma amostra genética inserida no Banco Nacional de Perfis Genéticos (BNPG), foi possível confirmar a identidade de um homem desaparecido, graças ao material coletado do pai, quase dois anos após a inserção do perfil genético do filho.

Segundo o pai, que chamaremos de L.C., o filho, de 31 anos, vivenciava uma condição de vulnerabilidade psíquica. Tinha o hábito de passar dias fora de casa, vivendo nas ruas, mas sempre retornava. Dessa vez, o silêncio foi mais longo. Após meses sem notícias, a família decidiu buscar apoio da segurança pública.

No dia 24 de agosto de 2024, a irmã de L.C. registrou um boletim de ocorrência no 7º Distrito Policial, relatando o desaparecimento do sobrinho. Logo em seguida, o pai realizou a coleta de material genético na Perícia do Estado do Ceará. O perfil foi inserido no banco e, após cruzamento de dados, foi confirmado o vínculo genético com um corpo masculino encontrado em 15 de dezembro de 2022, no bairro Varjota. O DNA que trouxe respostas: a dor e o alívio de um pai após quase dois anos de espera.

A confirmação encerrou uma espera angustiante.

“Passamos 1 ano e 10 meses sem ter certeza de nada, uma sensação muito ruim. Sempre esperávamos que ele aparecesse, porque quando ele se perdia nas drogas, virava morador de rua, mas depois voltava, pedia ajuda, queria tratamento. Fiquei muito triste... porque com a notícia, acabou a esperança de recuperação do meu filho. Mas, ao mesmo tempo, o coração alivia um pouco. Não vivo mais com aquele medo constante, de receber uma notícia ruim a qualquer momento”, desabafou o pai. A confirmação por DNA foi o elo necessário para devolver à família a dignidade de um desfecho, ainda que doloroso, mas essencial para o luto e a paz.”



desaparec'dos

Política Nacional de Busca de Pessoas Desaparecidas

“Ele morreu, mas continuo sendo pai dele “

“Sou o pai do Cleverson. Ele morreu, mas continuo sendo pai dele.”

Foi com essa frase que Reginaldo iniciou seu relato. Cleverson desapareceu em 2014, aos 28 anos. Jovem trabalhador e dedicado à família, mantinha uma rotina de afeto e presença. No entanto, quando desapareceu, a ausência se estendeu por quase dez anos, alimentando a angústia e a incerteza da família.

“Ele era um excelente filho. Trabalhador, honesto. Ia toda semana lá em casa.” relatou Seu Reginaldo Divino.

Mesmo com suspeitas sobre o desaparecimento, a falta de resposta impedia o luto. O corpo de Cleverson havia sido encontrado em Luziânia-GO em 2014, mas só foi identificado em 2024, graças à **Mobilização Nacional de Coleta de DNA de Familiares de Pessoas Desaparecidas**.

A identificação ocorreu após a coleta de DNA do neto Emanuel, filho de Cleverson, e do próprio Reginaldo. O cruzamento dos dados, feito pelo Instituto de Pesquisa de DNA da Polícia Civil do DF, confirmou a identidade do corpo inserido no sistema por Goiás.

“Não posso dizer que fiquei alegre, porque perdi meu filho. Mas fiquei satisfeito, porque esse caso vai terminar. Vocês fizeram um bom trabalho. Que Deus abençoe o trabalho de vocês!”

A dor da ausência não desaparece, mas a verdade permite encerrar um ciclo e resgatar a dignidade da história de Cleverson.

Nome da pessoa desaparecida: Cleverson Correia do Nascimento
Tempo de desaparecimento: 10 anos
Idade quando desapareceu: 26 anos
Parentesco com o entrevistado: Pai
Nome do entrevistado: Reginaldo Divino do Nascimento





“Meu pai agora tem nome de novo: o reencontro que o DNA tornou possível”

“Meu nome é Murilo César Lima Gonzaga, sou de Goiânia, e a pessoa desaparecida era o meu pai.” A frase, dita com firmeza, resume 12 anos de dor, saudade e silêncio. Durante todo esse tempo, Murilo conviveu com a ausência do pai e a angústia de não saber o que havia acontecido.

Na época do desaparecimento, o Brasil ainda não contava com um sistema de identificação por DNA como o de hoje. “Esperei muitos anos por uma resposta do Estado”, relembra Murilo. Ele nunca perdeu a esperança — acreditava que o pai, como tantas pessoas em situação de vulnerabilidade, poderia estar vivo, tentando voltar.

A confirmação veio apenas anos depois, em um momento difícil: um mês após perder o irmão, recebeu o resultado do exame de DNA. O pai havia sido assassinado e enterrado como indigente. “Ainda não conseguimos alterar isso oficialmente. Para o mundo, ele ainda não voltou. Mas, para mim, sim. Agora sei onde ele está. Ele tem nome. Ele tem história.”

Murilo reforça a importância da identificação: **“Se você tem um familiar desaparecido, não perca a esperança. A coleta de DNA é simples, rápida, e pode mudar tudo. Se a pessoa estiver viva, você pode reencontrá-la. Se não, ao menos terá uma resposta. Isso faz toda a diferença.”**

Com coragem, ele transformou a dor em luta — e deu ao pai o direito de ser lembrado. Hoje, seu nome não está só na memória da família, mas na história de um país que trabalha para não deixar ninguém ser esquecido.

Nome da pessoa desaparecida: Waldir Luiz Gonzaga
Tempo de desaparecimento: 11 anos
Idade quando desapareceu: 37 anos
Parentesco com o entrevistado: Pai
Nome do entrevistado: Murilo César Lima Gonzaga



desaparec'dos

Política Nacional de Busca de Pessoas Desaparecidas

“Agora João tem um lugar para descansar”

Durante cinco anos, o silêncio foi tudo o que a família Francisco teve após o desaparecimento de João, em julho de 2019.-aos 67 anos, ele saiu de casa e nunca mais voltou. Ex-cobrador de ônibus, pai de três filhos e querido entre os irmãos, João enfrentava transtornos mentais e vivia de forma simples, acolhido na casa da ex-sogra, em Cariacica (ES).

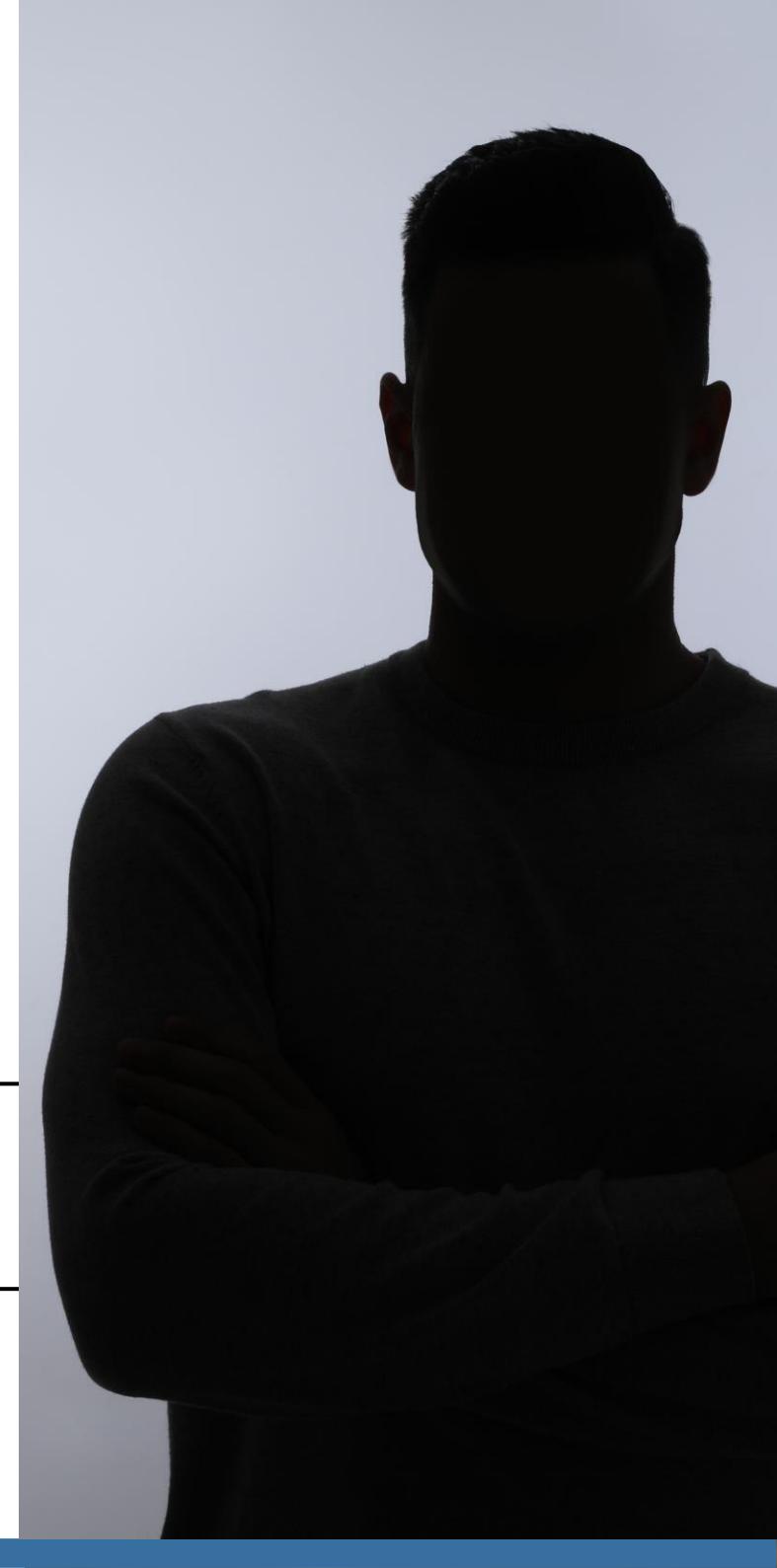
A pandemia logo se instalou e dificultou ainda mais as buscas. Entre turnos de trabalho e visitas a hospitais, abrigos e ao IML, os irmãos Waldevino e a mais velha da família seguiram procurando, ouvindo rumores, enfrentando portas fechadas e o medo constante.

Em 2024, já com a vida voltando ao normal, decidiram tentar novamente. Foi então que souberam da **Mobilização Nacional de Identificação de Pessoas Desaparecidas**. Pela primeira vez, havia uma chance concreta de resposta. Waldevino forneceu seu DNA. Dias depois, veio a confirmação: João havia falecido em 2019, atropelado perto de casa. Sem documentos, foi enterrado como indigente.

“Não queríamos essa notícia, mas pior era o vazio. Agora ele tem um nome, uma história, um lugar”, disse o irmão.

Entre a dor e o alívio, ficou o legado de uma família que nunca desistiu — e que agora pode lembrar de João com a paz que ele merecia.

Nome da pessoa desaparecida: João Francisco
Tempo de desaparecimento: 05 anos
Idade quando desapareceu: 67 anos
Parentesco com o entrevistado: Irmão
Nome do entrevistado: Waldevino Francisco





Fernando (esq), a mãe, uma sobrinha, Gelio e um sobrinho.

O irmão que a ciência reencontrou

Falar de Nani ainda aperta o peito de Gelio Sacramento. Aos 44 anos, sua voz embarga sempre que lembra do irmão caçula, desaparecido desde dezembro de 2023. Mas, mesmo entre lágrimas, há amor e memória viva. Gelio não fala de um sumiço qualquer. Fala de Fernando — ou, como era chamado carinhosamente, Nani — o menino doce de Santa Leopoldina, criado em meio a dificuldades, mas dono de um coração imenso e honesto.

A infância dos três irmãos foi marcada por desafios. Com pais ausentes e uma vida humilde, Gelio assumiu cedo o papel de protetor — foi pai, irmão e amigo. Já Nani, mesmo mais novo, era o pilar moral da casa: reservado, íntegro e firme quando precisava corrigir os irmãos.

“Ele não gostava de coisa errada”, lembra Gelio, com carinho.

Desde pequeno, Nani sonhava com o futebol. Talentoso, chegou a ser notado por olheiros do Botafogo. Mas o sonho foi interrompido pelas limitações financeiras. Ainda assim, manteve a doçura. Era um tio carinhoso, que encantava os sobrinhos com risadas, doces e o melhor que podia oferecer: sua presença.

A vida, no entanto, foi dura. O alcoolismo chegou silenciosamente. Em busca de ajuda, a mãe o internou em uma clínica. Mas Fernando, que prezava pela liberdade, fugiu — e desapareceu. A família jamais desistiu. Foram mais de 20 viagens entre Santa Leopoldina e Colatina, movidas pela esperança. Amigos, caminhoneiros, conhecidos... todos tentaram ajudar. Havia pistas, rumores, fotos — nenhum se confirmava. A ausência virou rotina. Ainda assim, Gelio manteve firme o compromisso de irmão mais velho: não deixar Nani ser esquecido.

Meses depois, uma nova esperança surgiu com a Campanha Nacional de Coleta de DNA de Familiares de Pessoas Desaparecidas. Gelio não hesitou. Doou seu material genético com a coragem de quem sabe que amar também é buscar a verdade — mesmo a mais dolorosa.

E a resposta veio. O DNA confirmou. Nani havia falecido por causas naturais, sem identidade. Mas agora, tinha um nome.

“Tirou um peso das nossas costas. A gente sempre esperava encontrá-lo vivo, mas saber que ele não está mais entre os indigentes já é um alívio. Ele voltou a existir oficialmente. Voltou pra gente”, diz Gelio.

Hoje, a dor persiste. Mas junto dela, há gratidão: pela vida vivida, pelos laços que resistiram ao tempo, pelas memórias que permanecem — e pela ciência, que, com o DNA, devolveu à família Sacramento a dignidade da despedida.

Nome da pessoa desaparecida: Fernando Sacramento
Tempo de desaparecimento: 6 meses
Idade quando desapareceu: 37 anos
Parentesco com o entrevistado: Irmão
Nome do entrevistado: Gelio Sacramento



desaparec'dos

Política Nacional de Busca de Pessoas Desaparecidas



“Foi através do DNA que eu encontrei o meu filho”

“Foi através do DNA que eu encontrei o meu filho. Se não fosse isso, eu ainda estaria agoniada, desesperada, atrás dele em qualquer lugar.” disse E.K.P, mãe de Sérgio Luiz

Quando alguém desaparece, cada dia sem resposta se transforma em dor. E foi essa angústia que E.K.P, de Teresina (PI), viveu por quase dois anos após o desaparecimento do filho, Sérgio Luiz, de 21 anos.

Sérgio era um jovem alegre, inteligente e querido. Portador de deficiência, usava parte do benefício que recebia para ajudar a mãe a estudar. No dia em que desapareceu, ela percorreu ruas, praças e margens do rio em busca de pistas. Mesmo com falsas esperanças, o sentimento de que algo grave havia acontecido não passava.

Ao saber da Campanha Nacional de Coleta de DNA de Familiares de Pessoas Desaparecidas, ela procurou o Instituto de DNA Forense e realizou a coleta. Meses depois, veio a confirmação: os restos mortais de Sérgio haviam sido identificados.

E.K.P deixa um recado: **“Foi muito difícil, mas agora sabemos onde ele está. Temos onde chorar. A dor continua, mas o coração está mais tranquilo. Não percam a esperança. Façam a coleta. Ter uma resposta muda tudo.”**

Doar seu DNA é um ato de amor — e pode ser o caminho para transformar a incerteza em paz.

Nome da pessoa desaparecida: Sérgio Luiz Monteiro Bezerra Júnior
Tempo de desaparecimento: 02 anos (Aproximadamente)
Idade quando desapareceu: 21 anos
Parentesco com o entrevistado: Filho
Iniciais do entrevistado: E.K.P



desaparec'dos

Política Nacional de Busca de Pessoas Desaparecidas

“A verdade depois do silêncio”

Meu nome é Nicodemos Ferreira da Conceição, e a pessoa desaparecida era minha filha.” Falar dela é reviver lembranças que, mesmo dolorosas, são cheias de amor. Guardo com carinho a imagem dela em casa, ao lado das filhas, preparando o café, o almoço, o jantar... Esses momentos simples de cuidado e presença ficaram gravados com força no meu coração.

Ela ficou desaparecida por quase dois anos. E, nesse tempo, a angústia era uma sombra constante. Foram dias e noites de buscas, incertezas, e uma dor que não dava trégua. Eu amanhecia nas ruas, seguindo qualquer pista, me agarrando a qualquer palavra, qualquer sinal de esperança.

Muita gente dizia que ela estava viva. E eu corria atrás, acreditava. Mas hoje entendo que muitos já sabiam a verdade. Viver cercado por mentiras e falsas esperanças talvez tenha sido uma das partes mais difíceis — ser enganado quando tudo que se quer é reencontrar.

Quando recebi a confirmação da identificação pelo DNA, não foi fácil. Por mais que o coração já espere o pior, ouvir a notícia é diferente. É um choque. É como se o mundo parasse por um instante.

Depois disso, o que muda é a certeza. A gente sai daquele limbo da dúvida. A dor permanece — mas agora tem nome, tem data, tem corpo. E isso importa. Isso permite iniciar o luto, que antes era impossível.

Identificar um familiar desaparecido é um direito. É o mínimo de dignidade para quem se foi — e para quem ficou. Não é apenas sobre encontrar um corpo. É sobre reencontrar a verdade, fechar um ciclo, dar paz à memória e ao coração. Para famílias como a minha, isso significa tudo.

Nome da pessoa desaparecida: Fabiana Moreira da Conceição
Tempo de desaparecimento: 02 anos
Idade quando desapareceu: 25 anos
Parentesco com o entrevistado: Filha
Nome do entrevistado: Nicodemos Ferreira da Conceição





"Agora Posso Lembrar Dele em Paz"

As palavras de Gizele vinham entre lágrimas e suspiros. A dor ainda pulsa, mas foi através da Mobilização Nacional de Identificação de Pessoas Desaparecidas que ela encontrou a única pausa serena em meio ao sofrimento: a Polícia Científica do Espírito Santo conseguiu dar nome e dignidade ao corpo de seu filho, Ryan Pinto Cardoso.

Ryan havia acabado de completar 18 anos quando desapareceu. Marcado pela perda precoce do pai e os desafios da adolescência, afastou-se da mãe e passou a viver nas ruas, mesmo com os esforços incansáveis de Gizele para ajudá-lo.

“Ele sabia que eu o amava”, repete. Mesmo à distância, ela o acompanhava com o coração e os olhos atentos. Depois de uma breve tentativa de recomeço na Bahia, Ryan voltou para o Espírito Santo. Em agosto de 2021, sofreu um atropelamento. Gizele o encontrou no hospital, mas ele fugiu antes que ela retornasse. Nunca mais o viu.

A angústia do silêncio durou anos, até que, em 2024, por meio da campanha nacional, Gizele pôde fornecer seus dados genéticos. A resposta veio: Ryan havia sido assassinado poucos dias após deixar o hospital, sem documentos, e enterrado como indigente. O DNA falou onde o reconhecimento visual falhou.

“Dói muito, mas agora posso dizer: meu filho está em um lugar. Ele não foi esquecido. Se não fosse essa campanha, eu ainda estaria vagando por respostas.”

A dor continua, mas a incerteza acabou. E no lugar do vazio, resta agora a verdade — e o amor de uma mãe que nunca desistiu de lembrar.

Nome da pessoa desaparecida: Ryan Pinto Cardoso
Tempo de desaparecimento: 03 anos
Idade quando desapareceu: 18 anos
Parentesco com o entrevistado: Mãe
Nome da entrevistada: Gizele Soares Pinto



desaparec'dos

Política Nacional de Busca de Pessoas Desaparecidas

"O DNA Desvendou o Que a Gente Precisava Saber"

Francisco desapareceu em fevereiro de 2021. Diagnosticado com esquizofrenia desde jovem, era calmo, carinhoso e muito ligado à mãe.

"Pessoa do bem, caladinho, gostava de caminhar e ouvir música", lembra a irmã Ediléa.

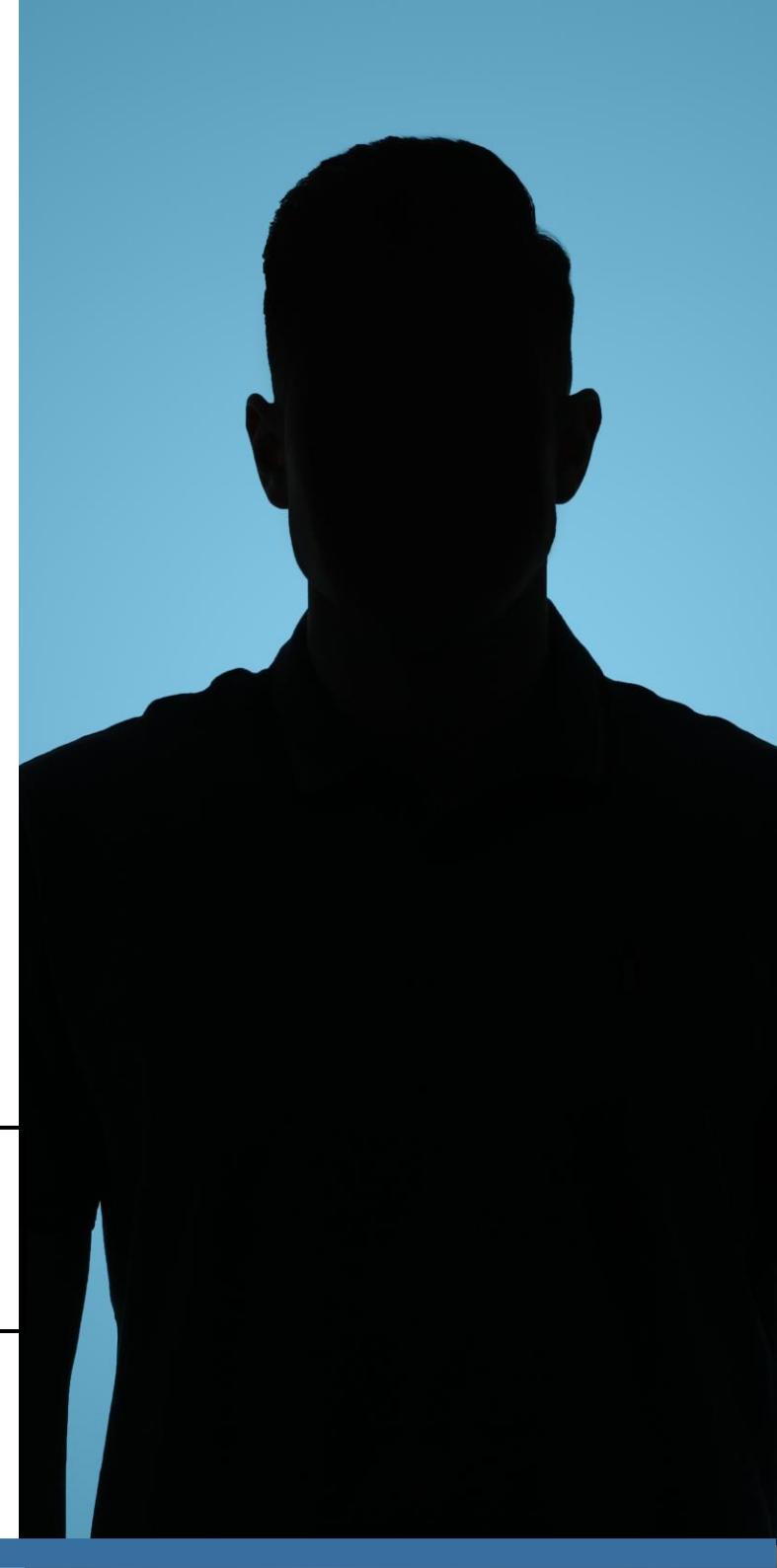
A família buscou por todos os meios: cartazes, TV, boletins de ocorrência. A angústia só aumentava com o tempo. "O sumiço dele abalou muito a família", conta Ediléa. A sobrinha Júlia completa: "Era como uma criança, muito apegado à avó. Saiu para caminhar e nunca mais voltou."

A resposta veio apenas em 2024, com a Mobilização Nacional de Coleta de DNA de Familiares de Pessoas Desaparecidas. Ediléa e um irmão participaram da coleta, e a análise feita pelo Instituto de Pesquisas de DNA da Polícia Civil do Distrito Federal confirmou a identidade de Francisco. A notícia chegou em maio de 2025.

"Foi um golpe, mas trouxe alívio. O DNA desvendou o que a gente precisava saber", disse Ediléa. Júlia acrescenta: **"Agora conseguimos encerrar esse ciclo."**

A história de Francisco mostra como a ciência e o esforço humano podem devolver dignidade e respostas a quem vive a dor da ausência.

Nome da pessoa desaparecida: Francisco Pereira Batista
Tempo de desaparecimento: 03 anos
Idade quando desapareceu: 60 anos
Parentesco com o entrevistado: Irmã e Sobrinha
Nome das entrevistadas: Ediléa Pereira Batista (irmã) e Júlia Lellis (sobrinha)





desaparec'dos

Política Nacional de Busca de Pessoas Desaparecidas



[SAIBA MAIS!](#)

SECRETARIA
NACIONAL DE
SEGURANÇA PÚBLICA

MINISTÉRIO DA
JUSTIÇA E
SEGURANÇA PÚBLICA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO